



MARIA SANDRA MONTENEGRO – Universidade Federal de Pernambuco  
MÁRCIA REGINA BARBOSA – Universidade Federal de Pernambuco

## VIOLÊNCIAS CONTRA O OUTRO: O SILÊNCIO EM SALA DE AULA

**RESUMO:** O presente artigo traz reflexões sobre as diversas violências que se avolumam cotidianamente no contexto de vida de uma significativa parcela da população brasileira, porém, ainda está escasso o tratamento deste sério problema para a vida de todos os seres vivos. Surgiu a problemática: como estão sendo interpretadas as questões das violências por alguns docentes, e se/como a abordam em sala de aula? Os variados meios de comunicação exploram à exaustão o tema em programas televisivos sensacionalistas, por meio de jornais, da internet e da vivência de muitas pessoas que estão em situação de risco. cinco docentes participaram desta pesquisa, duas atuam em um presídio feminino, duas atuam em Organizações Não Governamentais que dão assistência a famílias sem teto, e uma é professora de uma rede municipal no interior de Pernambuco. É um trabalho interpretativo, hermenêutico. Os autores que sustentam os argumentos são Lévinas, Byung-Chul Han e Paulo Freire. Os resultados demonstram que os professores preferem trabalhar os conteúdos previstos pelos programas de ensino sem articulá-los ao contexto social pelo qual o país está passando, portanto, o silêncio ainda tem mais poder do que o percurso do pensamento crítico.

**Palavras-chaves:** Violências. Silêncio. Práticas pedagógicas.

**RÉSUMÉ:** Le présent article apporte une réflexion sur les différentes violences qui augmentent chaque jour dans le contexte de la vie d'une partie importante de la population brésilienne. Cependant, le traitement d'un problème grave pour la vie de tous les êtres vivants est encore rare. Le problème est apparu: comment certains enseignants interprètent-ils les problèmes de violence et si / comment sont-ils abordés en classe? Les différents médias explorent le sujet de manière exhaustive dans des programmes télévisés sensationnels, dans les journaux, sur Internet et dans l'expérience de nombreuses personnes à risque. Cinq enseignants ont participé à cette recherche, trois travaillent dans une prison pour femmes, deux dans des organisations non gouvernementales d'assistance aux familles sans abri et un enseignant dans un réseau municipal à l'intérieur du Pernambouc. C'est un travail interprétatif. Les auteurs qui soutiennent les arguments sont Levinas, Byung-Chul Han et Paulo Freire. Les résultats montrent que les enseignants préfèrent utiliser les contenus fournis par les programmes d'enseignement sans les articuler avec le contexte social que traverse le pays. Le silence a donc toujours plus de pouvoir que la voie de la critique.

**Mots-clés:** Violence. Silence. Pratiques pédagogiques



MARIA SANDRA MONTENEGRO – Universidade Federal de Pernambuco  
MÁRCIA REGINA BARBOSA – Universidade Federal de Pernambuco

## 1 INTRODUÇÃO

A desumanização, que não se verifica, apenas, nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. {...}. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é porém, *destino dado*, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o *ser menos* (FREIRE, 2012, p.16)

A condição humana na contemporaneidade parece ser pouco atrelada ao currículo escolar, mesmo de modo transversal. Quando falamos em condição humana nos referimos a um conjunto de situações presentes na arte do viver. Envolve situações diversas que nos remete à construção da nossa humanidade, assim como problemas de ordem social, de ordem política, de ordem ambiental, entretanto, durante esta pesquisa colocamos em relevo questões relacionadas as múltiplas violências que interferem e dificultam a vida individual e em sociedade.

Todo tipo de violência tem um desdobramento na vida como um todo, especialmente se olharmos a vida na escola e na sociedade com todas as suas instituições. O Brasil não tem sido um país de perfil pacífico, apesar de haver uma apologia a ‘bondade’ e espírito ‘generoso’ do povo brasileiro. Quando nos referimos a ausência de paz dentro do país, estamos nos reportando a situação de insegurança pública que predomina para um número considerável de pessoas, que não podem contar com a proteção de políticas públicas que garantem o direito de exercer a liberdade de credo, a liberdade de andar nas ruas sem ser assaltado ou assassinado, o direito de ter o corpo físico protegido, independente de gênero ou de escolhas sexuais. É violência o ato de impunidade para com pessoas que cometem crimes



MARIA SANDRA MONTENEGRO – Universidade Federal de Pernambuco  
MÁRCIA REGINA BARBOSA – Universidade Federal de Pernambuco

contra outros seres, contra o meio ambiente e não sofrem quase nenhuma consequência. É violência o ato de vilipendiar os cofres públicos, e, em consequência fragilizar cada vez mais a saúde, a educação e a segurança públicas.

Portanto esta paz da qual é atribuída pelo senso comum ao povo brasileiro não é tão verdadeira quanto parece. Uma vez que as necessidades primárias não são atendidas (trabalho como condição de sobrevivência digna, satisfatória, um teto para morar, três refeições por dia – no mínimo – atendimento imediato em hospitais, educação pública com qualidade) é inconveniente tratar a sociedade brasileira como se vivêssemos em plena felicidade. Não somos ingênuos de acreditar que só a parte material atende as necessidades de um povo, de modo algum. A arte e a cultura em suas diversas formas, os mitos, o lazer, a ética, a memória histórica, as crenças religiosas fazem parte da vida e são responsáveis pela nossa humanização. É uma necessidade de expressarmos a vida interior que nos habita.

Neste sentido, chamou a nossa atenção uma série de violências presentes no entorno das escolas, apresentadas pelas diversas mídias e nos questionamos se estes problemas são tratados no interior das escolas, mesmo que de forma aligeirada, como são abordadas? Os trabalhos que foram frutos de pesquisas relatam com ênfase a violência dentro das escolas, porém nosso foco é a violência que ocorre no plano social, que, em parte, interfere na violência que acontece na escola.

Durante o levantamento bibliográfico de tema, identificamos 108 artigos e dissertações entre o período de 2018 e 2019 que tratam explicitamente da violência que acontece no interior das escolas e o formato para a resolução de tão grave problema. Mais de 60% dos estudos, indicam que as escolas elaboram projetos para diminuir a situação de violência de alunos contra docentes ou contra os próprios colegas. Geralmente são escolas com uma população de crianças e adolescentes de baixa renda econômica e com algumas passagens pela polícia. Apenas 20% dos trabalhos lidos recorrem a reuniões com os familiares ou responsáveis pelos alunos



MARIA SANDRA MONTENEGRO – Universidade Federal de Pernambuco  
MÁRCIA REGINA BARBOSA – Universidade Federal de Pernambuco

considerados violentos, e nenhum dos artigos demonstra haver uma correlação entre a violência social e a violência exposta pelas escolas, tão pouco mostram que há uma proposta curricular para discutir sobre a violência de modo transdisciplinar.

Neste artigo apresentamos as compreensões de algumas professoras sobre a violência que ocorre no espaço social e se incluem o tema dentro dos conteúdos que estão previstos para os estudos em sala de aula. Salientamos que é um trabalho que se ampara nas ideias de Lévinas, Byung-Chul Han e Freire, principalmente no tratamento das categorias Violência e Exclusão. Trazemos as ideias de Paulo Freire para abordarmos a proposta de um ensino voltado para uma prática pedagógica que ajude os estudantes e simultaneamente os professores a recuperarem a sua dimensão humana através da educação. Na continuidade das questões que refletimos está o nosso pressuposto de que a escola pública, oriunda de um modelo da cultura dominante, tem dificuldades para incluir em seu currículo debates e reflexões sobre as minorias – indígenas, pobres, juventude de periferias, gênero e sexualidade, dentre outros temas porque são vistos como algo que inquieta, perturba as rotas traçadas pelo currículo conteudista. Portanto, problematizar é incentivar a criticidade, a participação de todos oriundos das classes oprimidas e a contribuir para que todos se percebam co-responsáveis pelos destinos da sociedade.

## **2 O CENÁRIO DA VIOLÊNCIA NO BRASIL**

O século XXI é marcado pelo processo de mundialização, também denominado de globalização dos processos econômicos geradores da precarização do trabalho e de formas acentuadas de exploração do outro. Surgem formas sociais excludentes pela força das políticas neoliberais que imprimem limites à atuação do Estado (IANNI, 1996).



MARIA SANDRA MONTENEGRO – Universidade Federal de Pernambuco  
MÁRCIA REGINA BARBOSA – Universidade Federal de Pernambuco

Tem se acentuado a desigualdade de acesso a oportunidades de melhorar as condições de vida e tem aumentado a precariedade na educação, na saúde, na habitação e, principalmente nas condições de sociabilidade. O fenômeno da violência se multiplica por toda a sociedade com diversas formas, desde o dano físico até o dano moral pela via das redes sociais. Conceitualmente, a violência seria a relação social, caracterizada pelo uso real ou virtual da força ou coerção que impede o reconhecimento do outro – pessoa, classe, gênero ou raça – provocando algum tipo de dano, configurando o oposto das possibilidades da sociedade democrática (SANTOS, 2014).

Pesquisas como a de Ferreira (2019), Oliveira (2019) e Maranhão (2018) demonstram o fortalecimento de múltiplas violências em diversos espaços no Brasil atualmente, por exemplo, o aumento da intolerância religiosa, que até este mês de setembro de 2019 ocorreu 200 casos. Agressões cometidas contra a população LGBTQ no Brasil traz dados alarmantes, uma morte por homofobia a cada 16 horas, mortes por intervenção policial tem 434 registros nos primeiros 90 dias deste ano considerando só o Estado do Rio de Janeiro. Outros problemas semelhantes também são apresentados pelos autores citados, aumento da violência contra a mulher, contra os indígenas, contra os quilombolas, enfim, no Estado brasileiro atual não há lugar para as diferenças, para aqueles em situação de vida excluída de direitos sociais.

Em relação as mulheres o Mapa da Violência contra a Mulher (2018) relata que no ano de 2018 houve 68 mil casos de violência contra a mulher e 43% dessas vítimas têm menos de 14 anos. São dados que incluem estupros, violência doméstica, importunação sexual, violência online. São Paulo é o Estado com maior número de casos de estupro (5.285), mas independente do quantitativo de violência em cada estado brasileiro, é relevante mostrar que são fatos reais, que acontecem todos os dias, e que há necessidade de trazer para o âmbito da escola estas questões,



MARIA SANDRA MONTENEGRO – Universidade Federal de Pernambuco  
MÁRCIA REGINA BARBOSA – Universidade Federal de Pernambuco

muitas vezes vivenciadas por estudantes em suas casas, pelas professoras, gestoras e demais funcionárias e funcionários escolares.

A violência não deve se constituir em um modo de viver, e não pode ser assunto apenas de jornais e de televisão.

Parece haver uma situação de quebra dos acordos de convivência, mesmo que de maneira sutil, uma vez que não se constata a existência de políticas públicas de prevenção da violência física, de respeito a integridade da vida do outro. Uma anulação do sentido da ética enquanto respeito ao outro. A mira de uma arma (arma física ou dogmas religiosos) aparenta ser o que tem o poder de decidir como os outros devem se comportar. O que foi escrito acima está ligado aos modos de se perceber a democracia. Para Stuart Mill não se governa sem diálogos (2000), de modo que a escola precisa se constituir em um espaço democrático de discussão do que acontece com a comunidade, com o seu entorno.

A violência não ocorre apenas nos países emergentes, na França, o fenômeno da violência na escola é debatido desde 1981, conforme o Dossiê do jornal *Le Monde Diplomatique* (2000). O pesquisador Debarbieux (1999) identificou que a violência nasce de uma lógica da exclusão e identificou três tipos de violência no meio escolar: a violência da incivilidade (atos de rebeldia, insatisfações, quebra de normas das escolas), refletindo mais um padrão de descontentamento com o modelo escolar e com os modos de conviver. O segundo tipo seria a violência dos crimes, estes seriam cometidos pelos alunos contra colegas, professores e demais funcionários, exigindo uma intervenção penal; o terceiro tipo é classificado como o de sentimento de insegurança. Quanto mais o aluno se sente incapaz de aprender ou de responder as demandas solicitadas pela escola, mais ele responde com desprezo pelos estudos, pelas faltas excessivas, desinteresse, desmotivação e desafia a autoridade docente.

O citado autor também ressalta que a violência na escola se passa por uma estrutura e relações de poder muito desiguais e quase nenhuma orientação aos



MARIA SANDRA MONTENEGRO – Universidade Federal de Pernambuco  
MÁRCIA REGINA BARBOSA – Universidade Federal de Pernambuco

estudantes, portanto, a escola não pode se ver ausente deste processo de conflitos violentos em seu interior.

### **3 A importância do outro: dialogando com Lévinas, Byung-Chul Han e Paulo Freire**

Embora seja senso comum que a violência se agudiza em períodos de depressões econômicas e tensões políticas severas, os autores que trazemos para dialogar com os resultados da pesquisa, defendem que a violência passa a se fortalecer e a se ampliar quando o Outro deixa de ser importante e de ser visto como um ser humano. Existe aí uma dificuldade de superar o imediatismo do egoísmo individual e social porque são atitudes que negam a ética da alteridade.

Trazemos autores de temporalidades distintas, com semelhanças e diferenças nos modos de tratar a exclusão do outro. Se aproximam na sensibilidade que demonstram em relação aos direitos dos outros, a negação dos preconceitos e a intencionalidade de nossas ações. É possível afirmar a existência de elo entre os autores na reflexão sobre o caráter fragmentado e individualista que predomina na sociedade, mas que a educação pode desempenhar um papel relevante na humanização e na cidadania de todos que a frequentam. Neste caminho, traremos algumas ideias destes consagrados autores para, em seguida, dialogarmos com os resultados encontrados nas narrativas docentes.

Dizemos que habitamos a morada do mundo, mas temos dificuldades de convivência na medida que não nos tornamos responsáveis pela existência do outro em toda sua alteridade, no momento que nos tornamos agressivos para negar a existência do outro.

Lévinas entende a ética como:



MARIA SANDRA MONTENEGRO – Universidade Federal de Pernambuco  
MÁRCIA REGINA BARBOSA – Universidade Federal de Pernambuco

A relação entre termos onde um e outro não estão unidos por uma síntese do entendimento nem pela relação de sujeito a objeto e onde, no entanto, um pesa ou importa ou é significante para o outro, onde estão ligados por uma intriga que o saber não poderia esgotar ou deslindar (2000, p.275)

Este autor valoriza a corporeidade, de modo que é necessário ser alimentado, cuidado, respeitado. A violência, seja ela física ou emocional quebra estes princípios levinasianos, pois o corpo existe, não é algo transcendente. O corpo precisa manter sua integridade, pois é o lugar onde habita tudo que somos enquanto sujeitos materiais. O corpo tem necessidades que o outro precisa suprir, isto é compreensível desde o momento que estamos ainda no útero de nossa mãe. Portanto, a vida não pode ser concebida no individualismo absoluto, mesmo reconhecendo as singularidades de cada pessoa.

Byung-Chul Han (2012) adverte que o modelo social atual exacerba o individualismo, o narcisismo e cultua a liberdade individual, estimulando um comportamento de vencedores e perdedores, o que provoca o rompimento dos laços sociais e a expulsão do outro que é diferente, que é visto como estrangeiro ou perdedor. É a população juvenil quem mais perde com o incentivo deste tipo de visão de mundo e de comportamento excludente. No Brasil atual vivemos um período de grande instabilidade econômica e política, o que gera um alto índice de desemprego entre a população na faixa etária dos 21 aos 35 anos. Em grande parte, composta por pessoas de baixa renda, moradoras de periferias e com diversa composição étnica: negros, pardos, indígenas (IBGE, 2018).

O autor acima citado realça que os modos de viver atuais geram uma violência em grande parte das pessoas, são as patologias que atingem a nossa mente e o nosso corpo, o que ele chama de violência neuronal: a depressão, o transtorno de personalidade limítrofe, a Síndrome de Bournout que determinam um certo tipo de violência. Portanto, a violência não se restringe a o que uma pessoa faz a outra,



MARIA SANDRA MONTENEGRO – Universidade Federal de Pernambuco  
MÁRCIA REGINA BARBOSA – Universidade Federal de Pernambuco

mas também o modelo social gerador de anomalias no quadro social. Na medida em se viola os direitos humanos, que se reforça barreiras nos países para que não venham os imigrantes, na medida em que separamos a medicina do direito, da política social, da tecnologia. Enfim, quando o outro é visto como uma ameaça apenas por ser considerado diferente, seja dentro ou fora do país, seja dentro ou fora de casa, seja dentro ou fora da escola.

Ao trazermos o papel da educação para a melhoria da condição humana, situamos o pensamento do educador Paulo Freire. Este traz a relevância da ação-reflexão durante o processo educativo escolar. Os homens são seres históricos e não modificam sozinhos suas condições de vida, portanto, se faz necessário o trabalho de diálogo coletivo e comprometido com o mundo.

Para Freire (2000):

Compromisso com o mundo, que deve ser humanizado para a humanização dos homens, responsabilidade com estes, com a história. Este compromisso com a humanização do homem, que implica uma responsabilidade histórica, não pode realizar-se através do palavrório, nem de nenhuma outra forma de fuga do mundo, da realidade concreta, onde se encontram os homens concretos. O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas "águas" os homens verdadeiramente comprometidos ficam "molhados", ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro. Ao experienciá-lo, num ato que necessariamente é corajoso, decidido e consciente, os homens já não se dizem neutros. (p.09)

A neutralidade não existe, e é no conhecimento da realidade que se gera a coragem de mudar e melhorar. Entendemos até agora que a violência se apresenta pela fome provocada por falta de trabalho, por ausência de políticas públicas que visem a melhoria das condições de vida das populações mais carentes, se caracteriza pelo adoecimento das condições mentais exacerbadas pelo apelo consumista sem



MARIA SANDRA MONTENEGRO – Universidade Federal de Pernambuco  
MÁRCIA REGINA BARBOSA – Universidade Federal de Pernambuco

limites, até a violência que fere ou elimina o outro. É a retirada absoluta dos direitos humanos, dentre eles, o direito à vida com dignidade.

#### **4 O tema Violência por dentro da prática pedagógica**

A questão norteadora desta pesquisa era indagar a algumas professoras se, e como tratavam os problemas da violência contra o outro em seu trabalho em sala de aula. Considerando que o currículo ainda traz a característica de ensinar conteúdos previstos pelo programa escolar, nos interrogamos como uma questão desta natureza é trazida (ou não) pelos docentes, uma vez que as pessoas estão na escola, e que esta faz parte de todo o movimento social.

As duas professoras que lecionam em presídios femininos responderam que evitam tratar do tema violência em sala de aula, pois as mulheres que estão privadas de liberdade são oriundas de lares violentos e reproduziram atos violentos, o que levou a situação de prisioneiras. A prática pedagógica que preferem é de falar de paz, de harmonia e de como é possível se melhorar. Trabalham com desenhos, recortes, artesanatos, mas preferem não discutir problemas sociais que, segundo as professoras, podem gerar mais revolta nas mulheres. Há, portanto, o afastamento de reflexões sobre as próprias violências que essas mulheres sofreram e ainda sofrem devido as condições precárias dos cárceres.

Conforme as professoras que atuam nos presídios, **“não há razão para fazer a pessoa lembrar sofrimentos. Todas sabem que existe violência no mundo, então não acho que discutir a violência ajude no aprendizado” (professora 1)**. Esta percepção contradiz a concepção de Freire, segundo Gadotti, no prefácio do livro Educação e Mudança (2000, p. 6):

O diálogo, porém, não pode excluir o conflito, sob pena de ser um diálogo ingênuo. Eles atuam dialeticamente: o que dá



MARIA SANDRA MONTENEGRO – Universidade Federal de Pernambuco  
MÁRCIA REGINA BARBOSA – Universidade Federal de Pernambuco

força ao diálogo entre os oprimidos é a sua força de barganha frente ao opressor. O desenvolvimento do conflito com o opressor que mantém coeso o oprimido com o oprimido. O diálogo de que nos fala Paulo Freire não é o diálogo romântico entre oprimidos e opressores, mas o diálogo entre os oprimidos para a superação de sua condição de oprimidos. Esse diálogo supõe e se completa, ao mesmo tempo, na organização de classe, na luta comum contra o opressor, portanto, no conflito.

Como superar a condição de oprimido sem conhecer as raízes dos problemas que as colocaram na situação em que estão? Para a citada professora, o processo de aprender conteúdos de Língua Portuguesa e Matemática são mais importantes **“porque as fazem esquecer a dureza da vida que levam”**, de fato, a intenção da professora é boa, mas não ajuda no sentido de reconhecer que negar o problema contribui para o adoecimento do outro, conforme assinala Chul Han (2012). Nos presídios há um alto índice de depressão e de ansiedade, as mulheres, em grande parte, apresentam problemas de estresse gerados pelo medo de como enfrentar o dia-a-dia na prisão e da insegurança ao sair dela.

Os momentos com as aulas de artes **“geram mais alegria e descontração. É o que tentamos fazer aqui, pois a vida delas já está difícil demais (professora 2)”**. As aulas que a professora chama de Artes podem trazer o alívio momentâneo, pois se gera brincadeiras, trabalhos em grupo, mas nos questionamos sobre o compromisso que educadores precisam desenvolver para com a humanidade do outro (LÉVINAS, 2000). Nesta direção Freire (2000) ressalta:

Se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissolavelmente à sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo se reduz a um não poder transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que este ser não é capaz de compromisso



MARIA SANDRA MONTENEGRO – Universidade Federal de Pernambuco  
MÁRCIA REGINA BARBOSA – Universidade Federal de Pernambuco

É o compromisso na ação que contribui para refletirmos sobre nós e o nosso papel no mundo. Os educadores têm este potencial e podem contribuir para o desenvolvimento do nosso olhar mais crítico para o que acontece ao outro e a nós mesmos no mundo social.

As duas professoras que trabalham em uma Organização não Governamental afirmam que abordam problemas da violência quando algum acontecimento tem um grande destaque na mídia, por exemplo, assassinatos em massa nos Estados Unidos da América. Perguntamos se dialogam sobre a situação da violência diária que acontece no Brasil. Responderam que procuram não tratar diretamente, nem mostrar que as causas são políticas, isto é: **“não quero mostrar que os pobres estão cada vez mais excluídos porque isto pode gerar mais revolta em nossos participantes”**. Esta OnG atua assistindo pessoas que são moradoras de ruas, geralmente atendem mulheres com filhos na idade entre 3 e 14 anos. O trabalho é ensinar sobre doenças sexualmente transmissíveis, ensinar a ler e a escrever aquelas que desejam aprender. Conforme os relatos, algumas dessas mulheres ficam na escola em média três meses, a rotatividade é alta e o maior interesse do público é conseguir roupas e alguma comida para os filhos.

As professoras informaram que as mulheres e as crianças ficam no setor para ver televisão, gostam de programas de auditório, mas atribuem o tipo de vida que levam ao destino. Para elas, Deus dá o que cada um merece. Neste caso, existe a dificuldade de abordar o problema da violência devido a alta rotatividade das mulheres que frequentam o abrigo-escola, mas também constatamos que as professoras não se sentem preparadas para abordar os problemas sociais durante as aulas porque **“não consideram que isto traga algum tipo de mudança de atitude nas mulheres que frequentam a OnG” (professoras 1 e 2)**.



MARIA SANDRA MONTENEGRO – Universidade Federal de Pernambuco  
MÁRCIA REGINA BARBOSA – Universidade Federal de Pernambuco

Ao abordamos a questão do tratamento do tema ‘violência’ em sala de aula com a professora que atua em uma escola municipal, no interior de Pernambuco, sua resposta foi que trata do tema quando está dando aula de História, mas não traz para os problemas da atualidade. Conforme exemplifica: **“trato da escravidão, do sofrimento dos negros que viveram em grande sofrimento, da violência dos senhores de escravos. Falo da violência que sofreram grandes nomes da nossa história, como o Tiradentes, Frei Caneca”**.

Todas as professoras lecionam na modalidade da Educação de Jovens e Adultos. O que poderia até ser mais fácil trazer temas atuais para a reflexão em sala de aula. No dizer de Freire, “somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de “distanciar-se” dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação (2000, p. 08). Como é possível entender o porquê das coisas, as raízes de sua própria situação se a prática pedagógica limita as condições para uma reflexão e um diálogo sobre os direitos a uma vida digna. Como construir um espaço de liberdade se direta ou indiretamente não se cria momentos para que estes\estas estudantes falem sobre sua história de vida e compartilhem suas trajetórias coletivamente? Concordamos com Freire ao dizer que “uma vez mais teremos de voltar ao próprio homem, em busca de uma resposta. Porém, não a um homem abstrato, mas ao homem concreto, que existe numa situação concreta (2000, p.08)”.

## Considerações Finais

O pressuposto central desta pesquisa foi demonstrar a partir das respostas de professoras entrevistadas, que ainda existe muito silêncio nas escolas, principalmente em algumas práticas pedagógicas. A questão que norteou este trabalho era se\como o tema da violência contra os negros, mulheres, jovens de



MARIA SANDRA MONTENEGRO – Universidade Federal de Pernambuco  
MÁRCIA REGINA BARBOSA – Universidade Federal de Pernambuco

periferias, homossexuais, lésbicas, pobres eram ou não abordados durante as aulas, se havia uma preparação por parte das professoras para tratar de um tema que está no cotidiano social, e a escola faz parte do mundo social.

Foram trazidos para o diálogo sobre a exclusão e negação do outro, autores que desenvolveram profundas reflexões sobre a condição humana: Paulo Freire, Lévinas e Byung-Chul Han. Autores de nacionalidades e tempos históricos e sociais distintos, mas que trazem algo em comum, a situação do outro, do oprimido, do excluído, aquele ou aquela que está proibido de dizer a sua palavra por ser considerado 'inferior' aos demais. Por não ser visto com ética, por não ser compreendida sua alteridade o outro sofre uma expulsão do mundo social, adocece, gera o medo de conviver com o outro.

Através das respostas das professoras entendemos que existe ingenuidade em querer proteger seus estudantes de discutir e de refletir sobre as diversas formas de violência a que estão submetidos para não gerar comoção, esta atitude apenas reforça o estado de exclusão, pois quando não entendemos as razões, os motivos dos nossos sofrimentos não nos tornamos seres humanos. Parafraseando Freire (2000), é uma falsa generosidade, um falso amor. Mas isto não está de maneira consciente na prática pedagógica das professoras, para elas, o não debate sobre os problemas sociais, principalmente a violência que desestrutura os direitos humanos é um ato de piedade para quem já vive em sofrimento.

Em conclusão, o silêncio sobre o que nos desumaniza predomina nas situações que pesquisamos. Não quer dizer que não haja projetos em outras escolas que possam desempenhar um trabalho de maior reflexão sobre o que nos diminui e nos exclui como seres humanos. Porém, como dito no início deste trabalho, os estudos de Ferreira (2019), Oliveira (2019) e Maranhão (2018) reafirmam o que dizemos ao longo do texto, este silêncio sobre os problemas sociais precisa ser



MARIA SANDRA MONTENEGRO – Universidade Federal de Pernambuco  
MÁRCIA REGINA BARBOSA – Universidade Federal de Pernambuco

superado para que se possa dialogar coletivamente e encontrarmos caminhos de superação da desigualdade, da exclusão e da negação dos direitos humanos.

As pessoas precisam ser consideradas prioridades, principalmente aquelas que estão em situação de extrema pobreza, de abandono das políticas públicas, que não possuem nenhuma ou pouca visibilidade no cenário social. É preciso alterar os arranjos globais, a distribuição dos benefícios. Se faz necessário rever os formatos autocratas de se trabalhar o capital financeiro, pois este modelo vem desmontando formas mais democráticas e participativas de lidar com o capital, principalmente em países com baixo poder aquisitivo da população. Na medida que esse desmonte de políticas públicas se materializa, a sociedade, inclusive a escola, ficam ameaçadas, gerando violências, que são diferentes de conflitos.

Nesta direção, a tendência é o adoecimento social e o empobrecimento do diálogo, entretanto, historicamente, as resistências políticas surgem na medida em que as injustiças não são reparadas e os direitos humanos reconhecidos. Não somente a escola pode dialogar sobre as violências, mas ela se constitui uma instância de relevo no papel de ajudar na construção da criticidade, no acolhimento e reconhecimento do outro como sujeito humano e de direitos.

## Referências

BRASIL. **Mapa da Violência contra a Mulher**. Câmara dos Deputados Federais. Brasília, 2018.

BRASIL. IBGE. **Dados sobre a composição étnica brasileira**. Brasília, 2018.

BYUNG-CHUL, H. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2012.

DEBARBIEUX, E. **La Violence em Milieu Scolaire**. Paris: ESF, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Petrópolis: Paz e Terra, 2012.



MARIA SANDRA MONTENEGRO – Universidade Federal de Pernambuco  
MÁRCIA REGINA BARBOSA – Universidade Federal de Pernambuco

\_\_\_\_. **Educação e Mudança**. Petrópolis: Paz e Terra, 2000.

FERREIRA, A. **Violência na escola**: o silêncio que incomoda. São Paulo: Matriz, 2019.

IANNI, O. **A Era do Globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

LE MONDE. **La Violence à l'école**. Paris: Le Monde, 2000.

LEVINAS, E. **Humanism de l'Autre Homme**. Paris: Fata Morgana, 2000.

MARANHÃO, B.S. **Violência e Diálogo para a Justiça Restaurativa**. Petrópolis: Vozes, 2018.

MILL, S. **A Liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

OLIVEIRA, M. de. **Exclusão e Violência em Escolas do Sudeste**. São Paulo: Bettini, 2019.

SANTOS, J.V.T dos. **Violências e Conflitualidades**. São Paulo: Tomo Editorial, 2014.

Recebido em setembro de 2019

Aprovado em setembro de 2019